

Relacionamento Conjugal: Satisfação, Intimidade e Conflitos na Transição para a Parentalidade

Isabela Dwyer¹

Andrea Seixas Magalhães²

Mayla Cosmo Monteiro³

Resumo

Este estudo, que é parte de uma investigação mais ampla sobre as repercussões da transição para a parentalidade na conjugalidade, tem como objetivo investigar a percepção da satisfação conjugal após a chegada do primeiro filho e compreender o manejo dos conflitos conjugais. Realizou-se uma pesquisa qualitativa, da qual participaram quatro homens e cinco mulheres, pertencentes às camadas socioeconômicas médias da cidade do Rio de Janeiro, pais de primeiro(a) filho(a) com idade entre 12 e 25 meses, com desenvolvimento típico. Os dados coletados foram submetidos ao método de análise de conteúdo, na modalidade categorial temática. Constatou-se diminuição na frequência e espontaneidade das relações sexuais, no uso do tempo conjunto e mudanças na expressão da intimidade entre os membros do casal. Os comportamentos específicos descritos incluíram a troca de olhares, atenção às necessidades do outro e carícias. Em relação ao manejo dos conflitos, verificou-se que há especificidades na etapa de transição para a parentalidade. Os novos pais fizeram uso de comportamentos de esquiva e evitação. Conclui-se que a qualidade da intimidade conjugal anterior à chegada do primeiro filho dá suporte ao casal no manejo dos conflitos na transição para a parentalidade.

Palavras-chave: relação conjugal, parentalidade, satisfação conjugal, conflitos conjugais

¹ Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica (PUC-Rio)

² Psicóloga, Doutora em Psicologia Clínica (PUC-Rio). Professora Associada do Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

³ Psicóloga, Pós-doutora em Psicologia Clínica (PUC-Rio)

Marital Relations: Satisfaction, Intimacy and Conflicts in the Transition to Parenthood

Abstract

This study, part of a broader investigation into the repercussions of the transition to parenthood in marital relations, explores the perception of marital satisfaction following the arrival of the couple's first child and the management of marital conflicts. We conducted a qualitative research and interviewed four men and five women, parents of first-born children with ages ranging between 12 and 25 months, with typical development. The research was carried out with independent subjects from Rio de Janeiro who belonged to the middle class. The collected data were submitted to content analysis method in thematic categorical modality. Results showed a reduction in the frequency and spontaneity of sexual relations, decrease in time spent together, and changes in their expression of intimacy. Specific behaviors included the exchange of glances, attention to the other's needs, and caresses. Regarding conflict management, there are specificities in the transition to parenthood. New parents used avoidance and withdrawal behaviors. We concluded that the quality of marital intimacy prior to the arrival of the first child supports the couple in their management of conflicts during the transition to parenthood.

Keywords: marital relations, parenthood, marital satisfaction, marital conflicts

A chegada do primeiro filho promove grandes mudanças na relação conjugal e em todos os elementos da família ao inaugurar a função parental. Nessa transição, parte do investimento marido-mulher é transferido para a relação pais-filhos (Cowan & Cowan, 1999). A transição para a parentalidade acarreta a necessidade de cuidados à criança, reduções do tempo de lazer, mudanças nas rotinas profissionais, alterações no desejo e na possibilidade de intimidade, desafios financeiros e modificações nas relações sociais do casal. Face a isso, a forma como o casal responde às demandas características dessa etapa poderá repercutir na sua própria estabilidade, algo considerado por vários autores como um período de crise (Bradt, 1995; Menezes & Lopes, 2007; Salonginos et al., 2018; Silva et al., 2021).

A qualidade dos relacionamentos íntimos constitui aspecto central na vida dos indivíduos, trazendo implicações para a saúde mental, física e profissional (Fincham et al., 2018). A satisfação conjugal é afetada pela parentalidade e está relacionada à percepção de felicidade dos cônjuges sobre várias dimensões de sua conjugalidade, como intimidade, conflito e divisão de poder, incluindo uma avaliação global da qualidade da relação (Pace et al., 2015). Menezes e Lopes (2007) realizaram uma

pesquisa de campo com o objetivo de analisar a relação conjugal durante a transição para a parentalidade sob dois enfoques: a avaliação que cada casal faz de sua relação e a interação comunicacional que o casal estabelece nos diferentes momentos da transição. Os resultados desse estudo apontaram que um fator central para a compreensão da conjugalidade na transição para a parentalidade é a qualidade da relação conjugal estabelecida antes da transição, ou seja, é a natureza da relação conjugal que tem a maior influência nas respostas que o casal dará às demandas da nova etapa, o que foi corroborado mais recentemente por Salonginos et al. (2018). Alguns autores fazem uma contraposição em relação ao paradigma dominante que coloca a parentalidade como causa do declínio da satisfação conjugal, ao considerarem que a inauguração da parentalidade possibilita uma oportunidade de crescimento da diáde, permitindo melhor ajuste do casal e oportunidade de promoção da relação (Huston & Vangelisti, 1995; Martins et al., 2017).

O período da gravidez e do pós-parto caracteriza-se, para a mulher, por um conjunto de alterações biológicas, psicológicas e sociais intensas. Esse conjunto de alterações pode gerar impacto substancial na vivência da sexualidade (Salonginos et al., 2018). Além da menor frequência de relações sexuais, as oportunidades e o tempo para a intimidade sexual tornam-se mais raros (Lévesque et al., 2019). A intimidade desenvolvida durante o período do casamento anterior ao nascimento dos filhos é entendida como aspecto preditor da capacidade dos cônjuges de responder às demandas relacionadas às mudanças advindas da parentalidade. As alterações que acompanham a parentalidade são multifacetadas e ocorrem em diferentes domínios do casamento, influenciando a satisfação conjugal e a vivência da sexualidade e da intimidade.

Outra dimensão que sofre grande alteração durante a transição para a parentalidade é a quantidade de tempo que os parceiros passam juntos sem a presença da criança. Neilson e Stanfors (2018) investigaram como cada casal alocava o tempo juntos, sozinhos, com crianças e em família. Eles observaram que a mudança na alocação de tempo da família evoluiu de maneira diferente para homens e mulheres ao longo dos anos, com custos mais altos para elas, que tendem a reduzir o tempo dedicado a si, ao cônjuge e às amizades para não prejudicar o tempo dedicado ao trabalho e aos filhos. A mudança na alocação de tempo entre os membros do casal é uma questão importante por várias razões. A interação com o parceiro parece vital, tanto para a satisfação conjugal quanto para a estabilidade da relação, alterando a forma como exercem a intimidade emocional, a sexualidade e o cuidado com o parceiro (Lapierre et al., 2018; Powell et al., 2019).

No decorrer do ciclo de vida familiar, o casamento atravessa diferentes etapas de transição, exigindo do casal conjugal esforços contínuos de mudança e de adaptação. Uma relação conjugal avaliada pelos cônjuges como mutuamente satisfatória não se refere, necessariamente, a uma relação conjugal sem conflitos, pois estes são inerentes a todos os relacionamentos humanos e podem resultar em novas oportunidades e transformações aos envolvidos, repercutindo em um ambiente positivo. (Fidelis et al., 2022).

Evidências sugerem que as mulheres experimentam a transição para a parentalidade como uma fonte maior de conflitos de relacionamento do que os homens, já que as mães geralmente estão mais envolvidas na criação dos filhos e sofrem mais com o estresse gerado por esta adaptação (Huss & Pollmann-Schult, 2020; Lasio et al., 2018). Além disso, novos pais geralmente se encontram em uma divisão do trabalho mais tradicional, que é frequentemente vista como injusta pelas mães. Estudos apontam estratégias de enfrentamento específicas de gênero em situações estressantes e após eventos cruciais da vida. Enquanto as mães geralmente aumentam seus esforços na criação dos filhos em resposta a dificuldades de adaptação, os homens fazem o oposto. Essas diferentes estratégias de enfrentamento podem afetar a maneira como os indivíduos respondem à transição para a parentalidade e aos conflitos de relacionamento que surgem. Essas descobertas sugerem que o conflito no relacionamento modera a satisfação conjugal de homens e mulheres de maneira distinta (Jia et al., 2016).

Os conflitos conjugais são descritos na literatura especializada a partir de quatro dimensões: conteúdo, frequência, intensidade e resolução, sendo esta um dos fatores de impacto principal nas relações e, portanto, considerada a dimensão mais importante do conflito conjugal (Delatorre & Wagner, 2018). Delatorre e Wagner (2018) apontam alguns dos temas de conflito mais frequentemente descritos na literatura, tais como práticas de criação de filhos, tempo de lazer do casal, finanças, trabalho doméstico, sexualidade, disputas de poder, desconfiança, intimidade, ideias divergentes, personalidade do parceiro e parentes. As pesquisadoras investigaram a resolução de conflitos dividindo-as entre estratégias construtivas e destrutivas. Em relação aos resultados, concluíram que homens e mulheres com filhos utilizavam a estratégia de evitação de conflitos com mais frequência do que aqueles que não tinham filhos. O uso dessa estratégia pode indicar dificuldades em lidar com a chegada de novos membros no sistema familiar. O uso de estratégias construtivas repercute de

maneira positiva no relacionamento ao longo do tempo, reforçando a aliança entre os membros do casal e fortalecendo-os diante das situações cotidianas de estresse (Costa et al., 2016).

Ressalta-se que a pesquisa que deu origem a este estudo foi desenvolvida no período em que a pandemia de COVID-19 teve início no Brasil e no mundo, em 2020. Houve necessidade de isolamento social e os cidadãos foram incentivados a permanecerem em suas residências. Muitas famílias se viram sem suas redes de apoio, houve aumento no número de desempregados, reduções de renda, dentre outros impactos. O tempo prolongado de convívio familiar, especialmente para famílias com filhos pequenos, resultou em menos privacidade e diminuição dos momentos de intimidade com a parceria (Panzeri et al., 2020). Os casais na transição para a parentalidade são um grupo chave para acessar e promover o bem-estar das crianças, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento na primeira infância. Portanto, a saúde mental dos pais e os desafios da parentalidade diante de emergências de saúde pública como essa são essenciais para o desenho de intervenções e políticas públicas (Vescovi et al., 2021).

A transição para a parentalidade é considerada um momento de crise para o casal e gera mudanças profundas em diferentes aspectos da relação conjugal. Nesse contexto, a vivência e a expressão da intimidade dos casais passam por muitas transformações. Como em todo processo de mudança, são esperados conflitos e instabilidade no desempenho dos papéis parental e conjugal. Diante disso, um estudo de campo que investigue a complexidade dessa transição pode contribuir para o enriquecimento da produção de conhecimento. O objetivo deste estudo é investigar a percepção da satisfação conjugal após a chegada do primeiro filho e compreender como os sujeitos manejam os conflitos conjugais.

Método

Foi realizada uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório e utilizou-se o método de análise de conteúdo na modalidade categorial temática (Bardin, 2011) para tratamento dos dados coletados. O método qualitativo de pesquisa permite estudar e compreender os fenômenos que envolvem os seres humanos e as complexas relações estabelecidas em diversos âmbitos (Minayo, 2012). Desse modo, justifica-se a referida escolha metodológica por avaliar-se que ela pode proporcionar um aprofundamento no entendimento das influências da conjugalidade no processo de transição para a parentalidade.

Participantes

Foram entrevistadas cinco mulheres e quatro homens, pais de um primeiro(a) filho(a), com idade entre 12 e 25 meses. As idades dos participantes variaram entre 30 e 40 anos. A pesquisa foi realizada com sujeitos independentes, moradores da cidade do Rio de Janeiro. Visando dar maior homogeneidade ao grupo de entrevistados, incluímos exclusivamente participantes que prenchessem os seguintes critérios: homens e mulheres que estivessem coabitando com seu respectivo cônjuge, independentemente do registro civil ou religioso; membros de casais de dupla carreira; pertencentes às camadas socioeconômicas médias da população (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2020), com filhos oriundos da união conjugal e com desenvolvimento típico. Dessa forma, evitamos obter dados próprios de famílias com filhos que apresentam alguma alteração no desenvolvimento, dado que alterações desenvolvimentais tendem a subtrair dos pais a sensação de competência no exercício de suas funções junto ao bebê, acrescentando mais um fator de estresse parental (Travassos-Rodriguez & Féres-Carneiro, 2012). As participantes do sexo feminino foram nomeadas utilizando a letra M e numeradas de M1 a M5. Os participantes do sexo masculino foram nomeados utilizando a letra P e numerados de P1 a P4.

Tabela 1.

Caracterização dos participantes

Part.	Idade	Idade cônjuge	Idade filho/a	Tempo de coabitAÇÃO
M1	36	37	18 meses	8 anos
M2	31	38	19 meses	4 anos
M3	30	32	18 meses	3 anos
M4	35	38	15 meses	7 anos
M5	37	39	20 meses	5 anos
P1	37	37	25 meses	6 anos
P2	36	31	14 meses	2 anos
P3	40	44	20 meses	5 anos
P4	38	34	18 meses	9 anos

Instrumentos

A entrevista semiestruturada com roteiro oculto foi utilizada como instrumento para a coleta de dados. Na entrevista, foram abordados os seguintes temas derivados da revisão da literatura: mudanças na relação do casal e na intimidade com a chegada do bebê; principais conflitos e discordâncias antes e depois da gravidez; manejo de conflitos; influências da família de origem; mudanças na relação com a família de origem e mudanças percebidas na rede social na transição para a parentalidade. Foi utilizada também a ficha biográfica com informações dos participantes.

Procedimentos

O projeto de pesquisa que deu origem a este estudo atendeu às exigências éticas contempladas nas resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e na resolução nº 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (CFP). Foi aprovado pela Câmara de Ética em Pesquisa da universidade onde foi desenvolvido, sob parecer número 09/2020. Os participantes foram informados a respeito dos objetivos da pesquisa, bem como do caráter estritamente confidencial das informações. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, garantindo-se o direito de não participação e/ou desistência em qualquer etapa da pesquisa.

Os participantes foram selecionados a partir da rede de contatos da primeira autora, configurando, portanto, uma amostra de conveniência. As entrevistas se deram de forma individual, em plataforma on-line, foram gravadas, mediante autorização prévia dos participantes, e, posteriormente, transcritas integralmente, visando à preservação de todo o discurso dos entrevistados. As entrevistas tiveram a duração entre 60 e 120 minutos e foram agendadas e realizadas de acordo com a disponibilidade dos participantes.

Análise dos Dados

O material coletado foi analisado de acordo com o método de análise de conteúdo na vertente categorial temática (Bardin, 2011). A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que, para descrever o conteúdo das mensagens, utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos. A técnica de análise de conteúdo categorial temática tem como base os temas e consiste em atribuir núcleos de sentidos que compõem a comunicação. Por se tratar de um estudo exploratório, esse tipo de análise configura-se como o mais apropriado, por permitir o surgimento de categorias de

análise e padrões de respostas, sem que as conclusões estejam vinculadas a uma hipótese prévia. Por meio dessa técnica, realizada em conjunto pelas autoras deste manuscrito, foram destacadas categorias temáticas, organizadas a partir da semelhança entre os elementos contidos no material coletado. Para tal, procedeu-se uma ‘leitura flutuante’, agrupando-se dados significativos, identificando-os e relacionando-os, até se destacarem as categorias de análise.

O presente trabalho apresenta parte dos resultados de uma pesquisa mais ampla sobre a conjugalidade na transição para a parentalidade. Na investigação mais ampla, a partir da análise do conteúdo das entrevistas, emergiram cinco categorias: (1) *Projeto parental: Do desejo ao momento ideal para a chegada do filho*; (2) *Transformação da intimidade conjugal*; (3) *Conflitos conjugais, motivações e estratégias de resolução*; (4) *O impacto do trabalho na dinâmica conjugal e parental*; (5) *Influências da família de origem*. Para atingir os objetivos deste trabalho, destacamos somente as categorias 2 e 3.

Resultados e Discussão

Transformação da Intimidade Conjugal

Esta categoria aborda as transformações da intimidade conjugal após a chegada do filho(a). A intimidade no relacionamentoconjugal se estrutura em torno de elementos como confiança, partilha, revelação de vulnerabilidades, reciprocidades e sexualidade (Silva et al., 2022). Os sujeitos relataram que houve mudanças na qualidade da intimidade, diminuição na frequência e na espontaneidade das relações sexuais, assim como no tempo disponível para estar junto como casal conjugal. Observaram-se esforços dos sujeitos para preservar a conjugalidade em face da parentalidade, que traz novas exigências emocionais. Alguns sujeitos relatam perceber mudanças na expressão da intimidade e demonstram preocupação em criar novas formas de se relacionar com seus cônjuges. Os comportamentos específicos descritos incluíram a troca de olhares, atenção às necessidades do outro e carícias.

Eu acho que a gente aprendeu a se conectar muito no olhar, eu acho que às vezes a gente fala com o olhar. Porque, às vezes, o bebê tá dormindo no meu colo e eu preciso me comunicar com ele só olhando, né, coisa que não era comum. (...) Eu até me emocionei agora porque eu

nunca tinha pensado nisso. Eu acho que a gente criou mais intimidade e solidificou um plano conjunto. (M1)

Antigamente a gente via filme juntos, a gente namorava. Hoje já não tem mais essas oportunidades. Porém, acho que o romance está em outras coisas, por exemplo, se a gente vai no restaurante, quando a comida chega, eu comecei a observar que o meu marido tem uma atitude de pegar minha comida e dar na minha boca, se eu tiver dando mamar para eu não comer frio. Às vezes, ele come frio para eu comer quente ou ele fala: deixa eu segurar ela para você comer. (M3)

A gente conversou sobre isso há uns 10 ou 15 dias atrás. Porque a gente vai se esquecendo um pouco um do outro na verdade. É tanto foco nele [filho] que você vai esquecendo um pouco das pequenas delicadezas do cotidiano, sabe? Ela está cozinhando e eu (...) fazer um carinho no cabelo dela. Você vai esquecendo porque você fica tão concentrado numa coisa só... E eu falei ‘é importante a gente manter isso. Porque chega um momento em que você tá acordando de manhã e nem dá bom dia. A gente já vai para o [filho]. Então isso tem que ser cuidado, tem que ser cultivado. (P3)

A transição para a parentalidade leva os casais a redefinirem sua intimidade e os comportamentos pelos quais demonstram intimidade. Eles percebem a importância em manter sua conexão emocional, a fim de preservar o vínculo, cultivar a atração mútua e a afetividade. Os esforços para demonstrar afeto e ternura um pelo outro e manter a intimidade física parecem tomar novas formas, não sendo necessariamente sexuais, mas permitindo que os parceiros estejam juntos, permaneçam conectados e expressem seu amor um pelo outro.

Na intimidade? Olha, eu não acho que piorou não. Não sei se faz sentido o que eu vou falar, mas você por amar tanto sua filha, por você gostar tanto dela e você vê sua esposa cuidando da sua filha, você passa a gostar mais da sua esposa. De certa maneira melhora a intimidade do casal. (P4)

A gente começa a perceber que a esposa também precisa de outras coisas, precisa de atenção, precisa de carinho, precisa de tudo... (P1)

Por outro lado, pesquisas desenvolvidas por Cowan e Cowan (1999) e Urbano-Contreras et al. (2017) demonstram que a percepção de homens e mulheres é de que há redução nas demonstrações de carinho, disponibilidade, preocupação, interesse e apreciação por parte do cônjuge. Nesta pesquisa,

a percepção de que as demonstrações de carinho diminuíram ficou evidente na fala de algumas mulheres, como a seguir:

Então, é óbvio que olhando de fora, o casamento em si não existe. A gente coabita no mesmo ambiente porque a gente tem um filho e os dois estão com dificuldade de largar do filho para poder seguir as suas próprias vidas, sabe? Mas eventualmente ele tenta ser carinhoso, tenta gerar alguma coisa, manda mensagem para o WhatsApp e ainda fala que ama. Mas acho que falta uma movimentação. (M2)

As mulheres parecem sentir as mudanças trazidas pela maternidade como mais estressoras do que os homens, provavelmente por serem culturalmente consideradas as cuidadoras principais (Huss & Pollmann-Schult, 2020).

Mas com certeza eu fiquei muito sobre carregada, me senti não vista muitas vezes. Eu falava: ‘passa aqui no quarto para ver se preciso de água, se eu preciso de alguma coisa’. (M1)

Dentre as mudanças documentadas no estilo de vida dos casais causadas pela transição para a parentalidade, estão as mudanças no uso do tempo conjunto. Os participantes relataram diminuição do tempo dedicado ao casal com a chegada do primeiro filho e de um esforço para aproveitar melhor o tempo compartilhado. Antes do nascimento, o tempo para o lazer do casal era utilizado para estreitar os laços conjugais. Claxton e Perry-Jekins (2008) sugerem que o tempo de lazer é essencial para o bom funcionamento dos casamentos, com efeitos que duram até o primeiro ano do bebê.

O relacionamento de casal, realmente a gente não tem mais aquele momento sozinhos e acho que a gente não vai ter isso nem tão cedo. A gente não sai mais sozinho para jantar e a gente fica com a consciência pesada de deixar o [filho] sozinho com a minha mãe. (M4)

Mas de certa maneira, esses momentos acabam se tornando mais qualitativos, você acaba valorizando esses momentos a dois. O que antes era uma coisa, hoje talvez tenha menos oportunidades, contudo você tem momentos mais qualitativos. (P4)

A presença de uma criança na casa é um desafio para os pais em relação à manutenção da privacidade do casal. As preocupações com a criança podem afetar a satisfação sexual, o desejo e o interesse sexual (Lévesque et al., 2019; Pinto et al., 2022). A partir dos relatos, é possível perceber o esforço dos casais em preservar a intimidade.

Mas é muito quando o neném dormiu. Vamos ver uma série ou vamos transar? (risos). É, agora não tem mais: o clima surgiu! É quando temos uma oportunidade. (M1)

A gente nunca deixou de ser carinhosos um com o outro, mas eu acho que a questão da atividade sexual envolvia um emprego de energia que ninguém estava disponível naquele momento. (P2)

A pandemia de COVID 19, que teve início em 2020, também afetou a dinâmica dos casais e impôs novas adaptações à vida familiar (Silva et al., 2020). A fala a seguir retrata o impacto que a pandemia teve na intimidade dos casais:

Mas eu sinto que tem melhorado aos poucos essa questão da vida sexual e de poder estar junto. Antes da pandemia a gente já tinha essa coisa estruturada. E aí, quando deu a pandemia, a gente foi para casa da mãe dela, a [filha] não conseguia dormir sem estar grudado na gente. E a gente tava na casa da mãe dela e tinha zero intimidade. (P2)

Os entrevistados relataram que sua vida sexual foi afetada com a chegada do primeiro filho(a). Os participantes mencionaram a diminuição na frequência e a perda da espontaneidade quando comparadas aos seus hábitos antes do nascimento do bebê. Relataram, ainda, que, desde então, as tarefas e responsabilidades parentais haviam tomado grande parte de seu tempo, relegando a vida sexual para segundo plano. Além disso, as alterações hormonais, o cansaço e as demandas profissionais contribuíram para uma diminuição na frequência das relações sexuais.

Mas a gente demorou muito e eu nem lembro quando foi a primeira vez que a gente teve relação depois que ela nasceu. Até hoje, é bem mais escasso. Às vezes, uma vez a cada 15 dias ou uma vez por semana. Na maioria das vezes, eu estou sempre cansada com uma mega preguiça e ele já vai ficando chateado. (M5)

De acordo com Lévesque et al. (2019), o declínio acentuadamente maior no desejo sexual das mulheres cria uma disparidade entre o desejo delas e o de seus parceiros, o que poderia incorrer em maior insatisfação sexual dos homens.

Eu acho que a gente foi perdendo a intimidade, como ele não participa das coisas (...). É um cansaço que você não está realmente motivada para chegar e conversar. Eu só queria dormir. E eu ainda estou amamentando, então a libido é zero porque o hormônio da lactação inibe. Então se não tem estímulo, não rola. E com isso tudo acontecendo: a nossa relação desgastada, a gente sem diálogo, sem apoio. (M2)

A gente conversa. Tem insatisfação dos dois lados e, muitas das vezes, até é o motivo das nossas brigas. E também tem a questão da motivação. Eu me sinto cansada. Acho que eu tô

trabalhando para caramba. Não posso perder o meu emprego, então não posso relaxar no trabalho para poder ter um pouco mais de tempo para intimidade. (M4)

As entrevistadas M2 e M4 estavam experienciando, em sua relação, conflitos e tensão que influenciavam negativamente a intimidade e satisfação sexual. Assim como os outros entrevistados, elas reportaram diminuição na frequência das relações sexuais, mas que estava relacionada não somente à transição para a parentalidade, mas a problemas anteriores a ela. Nesses casos, a parentalidade parece ter exacerbado problemas性uais e conjugais.

Pesquisas ao longo dos últimos anos (Menezes & Lopes, 2007; Cowan & Cowan, 1999; Salonginos et al., 2018) apresentam evidências de que a capacidade dos cônjuges de responder às demandas relativas às mudanças advindas da parentalidade está relacionada à qualidade da intimidade desenvolvida durante o período do casamento anterior à transição para a parentalidade.

As coisas mudam de fato, mas intimidade, acho que a gente sempre foi muito íntimo emocionalmente falando. (P2)

Eu não sei se o [filho] me fez enxergar a vida de uma forma diferente. Eu não sei se o [marido] sempre foi assim e eu não via (...). Meu casamento nunca foi fácil. (M2)

Quando um dos cônjuges tem dificuldade em adaptar-se ao papel de cônjuge e/ou ao papel parental, o ajustamento dessa etapa também pode influenciar negativamente a relação do casal, favorecendo o surgimento de conflitos conjugais, como veremos na categoria a seguir.

Conflitos Conjugais: Motivações e Estratégias de Resolução

Esta categoria abrange os conteúdos dos conflitos conjugais, as motivações e as estratégias de resolução utilizadas pelos entrevistados na transição para a parentalidade. Em relação às motivações, destacaram-se a divisão de tarefas, a relação com as famílias de origem e a criação dos filhos. As estratégias de resolução se dividiram entre construtivas e destrutivas. No grupo entrevistado, as estratégias construtivas que se destacaram foram a comunicação aberta e a solução de problemas, e as destrutivas foram evitação e hostilidade verbal.

A forma como os casais organizam sua vida conjugal muda consideravelmente com o nascimento de um filho (Huston & Vangelisti, 1995). Como podemos observar nas falas a seguir, os entrevistados experimentaram reorganizações no que tange às relações e às responsabilidades familiares, dando início a processos de negociação que são frequentemente acompanhados por atritos

e conflitos entre os parceiros. No que se refere à realização de tarefas domésticas e cuidados com o filho, a divisão do trabalho, tanto dentro como fora de casa, sofreu modificações. Os entrevistados relatam que essa reorganização da rotina doméstica passou a ser um motivo de conflitos para o casal. As falas apontam também para a dificuldade dos parceiros em compreenderem a maior sobrecarga das mulheres nesse novo contexto.

Quando a [filha] era muito pequeninha, eu senti que voltou alguns problemas lá do início do casamento. Porque a casa tinha que andar e a gente não tinha uma empregada todos os dias. (...) Então começou a ter algumas brigas em torno das questões de casa porque ele não percebia muito essa demanda nova, essa nova realidade. (M1)

Eu já imaginava que eu ia ficar sobre carregada porque eu já era sobre carregada antes. Ele não considera, mas eu acho que eu fazia muito mais coisas do que ele e, com a chegada dela [filha], já sabia que seria assim. Só que acaba que, no dia a dia, quando você tá muito cansada, gera muito mais conflito do que antes. (M5)

Acho que essa é a ideia: de entender o que isso interfere no relacionamento. Acho que é a questão da organização. Acho que ela ainda não aprendeu como administrar a vida dela após a maternidade. Só que, assim, acho que não é ruim só para o relacionamento. Acho que atrapalha a vida, a vida dela tá ruim, entendeu? (P4)

Em casais de dupla-carreira, a divisão entre trabalho doméstico e trabalho remunerado também aparece como fonte geradora de conflitos, tendo sido ainda mais exacerbada com o surgimento da pandemia de COVID-19. Nesse contexto, os estressores se sobrepõem e predispõem os membros do casal a um aumento dos desentendimentos e conflitos, intensificando a possibilidade de entrarem em escalada frente a qualquer desentendimento (Silva et al., 2020).

Às vezes, a gente briga um pouco porque a questão da quarentena acabou trazendo o escritório para nossa casa. Então eu não tenho aquele momento de descanso (...) e acaba que, às vezes, fico trabalhando até muito tarde. Ele me cobra muito por isso. (M4)

Por estarem mais envolvidas na criação dos filhos e sofrerem um estresse maior gerado por essa adaptação, as mulheres parecem experimentar a transição para a parentalidade como uma fonte maior de conflitos de relacionamento do que os homens. Nas falas dos participantes, observou-se que a criação dos filhos passou a ser motivo de conflitos para os casais. Segundo Mosmann e Falcke (2011), este é frequentemente o motivo mais comum de desentendimentos entre os novos pais.

Às vezes, esse consenso não acontece e acaba prevalecendo a minha opinião por ser mãe, e é uma coisa que ele acaba sentindo um pouco também. Mas acontece briga sim, por falta de conta de consenso em relação ao [filho]. (M4)

E eu acho, na minha opinião, que a educação que a [esposa] recebeu não foi a ideal e acaba refletindo um pouco dessa educação que ela teve. Não colocar limites, não impor as coisas, de não querer brigar, de tudo ser na base do carinho. Mas eu acho que tem momento que você precisa chamar a atenção. Então eu acabo fazendo o policial mau quando alguém tem que fazer. (P4)

Observou-se ainda que os conflitos gerados na parentalidade influenciaram a conjugalidade e vice-versa. O *spillover* ou transbordamento dos conflitos de um subsistema ao outro ocorre não somente na direção do conjugal para o parental, mas também os conflitos com relação aos filhos podem impactar a conjugalidade (Pu & Rodriguez, 2020). Os conflitos são considerados inevitáveis nos relacionamentos e influenciam todo o sistema familiar, como vemos abaixo:

Sim, principalmente nos momentos mais estressantes. A gente teve alguma dificuldade para ajustar o que era a ajuda da mãe dela com o bebê e o que era invasão do espaço. Então eventualmente tiveram que acontecer algumas conversas desconfortáveis. (P2)

Eu acho que essa foi a grande questão de ter sido tão difícil para gente em relação à [filha], porque a gente não tem rede de apoio. A mãe dele, minha sogra, é uma pessoa extremamente difícil. Eu já discuti milhões de vezes com ela, porque, toda vez que ela vê a [filha], ela bota algum defeito. (M5)

Nas falas dos entrevistados, as relações com as famílias de origem dos cônjuges são descritas como fonte de apoio, mas também de desentendimentos. A família ampliada é um recurso para a família nuclear poder obter o apoio e a ajuda que o novo bebê e os novos pais precisam (Carter & McGoldrick, 1995). Dias (2014), ao estudar as relações intergeracionais na família, coloca que, quanto mais pais e avós dialogarem, melhor será o relacionamento que se estabelecerá entre eles. Diversos fatores podem contribuir para o estabelecimento de um relacionamento harmonioso ou difícil entre as gerações, dentre eles a história familiar, a estrutura psíquica do indivíduo, a qualidade das relações entre avós e pais no momento do nascimento da criança, as diferenças de origem, fatores econômicos, valores e opiniões, dentre outros.

A existência de conflitos é inerente às relações humanas e o que importa são as estratégias utilizadas pelo casal para a sua resolução. Do ponto de vista das repercussões que provocam no sistema familiar, os conflitos conjugais podem ser classificados como construtivos ou destrutivos (Bolze et al., 2017; Delatorre & Wagner, 2018). Com a finalidade de discutir as estratégias encontradas nos relatos dos entrevistados, as falas foram apresentadas em dois blocos. No primeiro, são ilustradas as estratégias construtivas e, no segundo, as destrutivas.

Mas eu acho que a gente aprendeu muito bem a discutir, a se acalmar. Tipo assim: quando a coisa fica muito quente, eu peço um tempo, a gente se separa, cada um vai para o seu canto, depois volta com mais calma. (M1)

E, assim, nosso relacionamento sempre foi muito baseado no diálogo, dificilmente a gente ficava, sei lá, dois, três dias brigados um com o outro, a gente buscava sempre resolver. Assim, não é aquele relacionamento perfeito, de livro, de conto de fada, mas é aquele relacionamento que torna-se perfeito porque a gente busca sempre no perdão, na compreensão, em virtudes...entendeu? (P1)

As principais estratégias construtivas de resolução de conflitos conjugais apontadas pelos entrevistados foram a busca pela resolução do conflito entre os cônjuges, caracterizadas por conversas, orientadas para a comunicação aberta, avaliação de alternativas e solução de problemas. Os entrevistados contemplaram comportamentos tais como conversar sobre o problema, ser flexível, pedir desculpas e perdoar.

As estratégias destrutivas de resolução de conflitos conjugais foram utilizadas em situações nas quais o casal optou pela evitação do conflito ou pelo uso de hostilidade verbal para sua resolução, como ilustradas pelas falas a seguir:

E nessa a gente brigando, e eu falava: ‘tem hora que eu sinto vontade de largar tudo e ir embora, porque é muita pressão! É muita coisa! Eu preciso de ajuda, preciso que você me ajude, olhe para mim!’. E ele falou ‘você não estava preparada para ser mãe’. [E como ficou isso entre vocês e para você?]. A gente nunca conversou sobre isso. Eu fiquei com aquela mágoa dentro de mim, de um jeito que eu nunca consegui processar ou transpassar. E como, cada vez mais, eu vinha evitando conflito para que a gente consiga conviver minimamente, eu não fico trazendo nada que já passou. (M2)

A gente acaba esperando um tempo e depois a gente fala de novo e faz as pazes como se nada tivesse acontecido. Isso é ruim porque a gente acaba não resolvendo problema raiz e aí geralmente depois vem uma briga pelo mesmo motivo. (M4)

Eu falo, a [esposa] escuta. Só que aquele tipo de coisa que ela fala que vai fazer alguma coisa e dois dias depois tá tudo igual de novo. E assim vai. (P4)

Eu sinto que, para brigar com ele, eu preciso subir um tom. Eu não gosto, mas eu fui me sentindo mais forte para ser mais agressiva. Eu, às vezes, acho que a briga vai para uma agressividade que me incomoda. Não é quem eu gosto de ser, não, mas de alguma forma eu sinto que eu preciso subir o meu tom para igualar, para ser ouvida. (M1)

A evitação caracterizou-se por não falar sobre o problema que desencadeou o conflito, seja temporária ou permanentemente. Nesse sentido, alguns participantes mencionaram que preferiam silenciar, não conversar, e deixar que o tempo ajudasse a esquecer a situação conflitiva. A hostilidade verbal remeteu a discussões que evoluíram para brigas e cobranças. Esses achados corroboram os resultados encontrados por Huss e Pollmann-Schult (2020), que apontam para mudanças no padrão de resposta aos conflitos conjugais na etapa de transição para a parentalidade. Eles pontuam que os novos pais fazem menos uso de estratégias construtivas frente aos conflitos, e reportam aumento nos comportamentos de esquiva, retraimento e outras estratégias negativas.

Considerações Finais

Os resultados do presente estudo sugerem que a qualidade da intimidade conjugal atua como fator fundamental para a satisfação conjugal e dá suporte ao casal no manejo dos conflitos na transição para a parentalidade. Constatou-se que, de acordo com a perspectiva dos entrevistados, a satisfação com a relação conjugal antes e durante a gestação influenciou a satisfação conjugal após o nascimento do bebê. Em outras palavras, quanto mais satisfeitos em suas relações conjugais no período anterior à transição para a parentalidade, menores são os níveis de insatisfação e angústia reportados nos primeiros anos após tornarem-se pais.

Os sujeitos relataram mudanças pelas quais passaram após o nascimento do primeiro filho, como diminuição na frequência e espontaneidade das relações sexuais, diminuição do tempo juntos e mudanças na expressão da intimidade. Ficou evidente que, para alguns sujeitos, há esforços no sentido

de desenvolverem novos comportamentos para a expressão da intimidade, tais como trocas de olhares, atenção às necessidades do outro e carícias. No entanto, as mulheres pontuaram a diminuição nas demonstrações de afeto por parte de seus cônjuges.

Na transição para a parentalidade, a relação com as famílias de origem, a criação dos filhos e a divisão do trabalho são relatadas pelos entrevistados como sendo os principais motivos geradores de conflitos, impactando a percepção da satisfação conjugal. As relações com as respectivas famílias de origem e com a dos cônjuges são descritas como fonte de apoio, mas também de desentendimentos. A divisão de tarefas entre homens e mulheres é vista, de forma geral, como injusta por elas e trazendo reverberações para a relação conjugal. Os conflitos no relacionamento reverberam na satisfação conjugal de homens e mulheres de formas diferentes. Se, no passado, eram claras as expectativas em relação à divisão de papéis em função do gênero, atualmente, homens e mulheres passam por um processo de mudança e reflexões a respeito de suas condições. Papp (1995), há mais de duas décadas, já ressaltava que, em um futuro ideal, cada parceiro poderia permitir-se um número muito mais amplo de atividades, comportamentos e formas de expressão. Contudo, as falas de nossos entrevistados ainda não anunciam tal realidade.

Em relação ao padrão de resposta aos conflitos, verificou-se que há algumas especificidades na etapa de transição para a parentalidade. Os novos pais fizeram uso de comportamentos de esquiva e evitação. Considera-se plausível que, pela necessidade de cuidarem do novo bebê, os casais tendam a evitar a exacerbação dos conflitos por meio do silenciamento, o que acaba por gerar mágoas e ressentimentos de ambas as partes, além de não solucionarem a raiz do problema.

As pesquisas sobre conjugalidade na transição para a parentalidade apresentam algumas particularidades. Nesta etapa do ciclo de vida, por ser um período de muitas mudanças e readaptações, os esforços do casal estão voltados para a inauguração do papel parental, havendo um movimento de desinvestimento no casal conjugal. Levar os sujeitos a refletir sobre a conjugalidade é, ao mesmo tempo, desafiador e necessário, no sentido de lhes possibilitar maior compreensão sobre as transformações acarretadas por essa nova fase.

Os resultados desta pesquisa apresentam subsídios para a realização de outras investigações que enfoquem as mudanças vividas na relação conjugal na etapa de transição para a parentalidade. Ressaltamos que as entrevistas foram realizadas durante o primeiro semestre da pandemia de COVID-19. Alguns dos relatos fornecem dados importantes para o entendimento das alterações inéditas vividas

pelos casais em suas dinâmicas familiares em decorrências das adaptações que foram necessárias nesse momento específico. Essas alterações, que incluem o isolamento social, a perda da rede de apoio e incremento de estressores, predispõe os casais a um aumento dos desentendimentos e conflitos. Estudos futuros podem também contemplar diferentes configurações familiares na transição para a parentalidade, diversidade de nível socioeconômico e cultural, aprofundar os impactos que a pandemia de COVID 19 trouxe, além de diferentes circunstâncias e contextos da gestação, ampliando o conhecimento sobre esse tema.

Referências

- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bolze, S., Schmidt, B., Böing, E. & Crepaldi, M. A. (2017). Conflitos conjugais e parentais em famílias com crianças: Características e estratégias de resolução. *Paidéia*, 27(Suppl. 1), 457-465. <https://doi.org/10.1590/1982-432727s1201711>
- Bradt, J. O. (1995). Tornando-se pais: Famílias com filhos pequenos. In B. Carter & M. McGoldrick (Orgs.), *As mudanças no ciclo de vida familiar* (pp. 206-221). Artes Médicas.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Artes Médicas.
- Claxton, A., & Perry-Jenkins, M. (2008). No fun anymore: Leisure and marital quality across the transition to parenthood. *Journal of Marriage and the Family*, 70(1), 28-43. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2007.00459.x>
- Costa, C. B., Cenci, C. M. B., & Mosmann, C. P. (2016). Conflito conjugal e estratégias de resolução: Uma revisão sistemática da literatura. *Temas em Psicologia*, 24(1), 325–338. <https://doi.org/10.9788/TP2016.1-22>
- Cowan, C. P., & Cowan, P. M. (1999). *When partners become parents: The big life change for couples*. Routledge.
- Delatorre, M. Z. & Wagner, A. (2018). Marital conflict management of married men and women. *Psico-USF*, 23(2), 229-240. <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230204>.
- Dias, C. (2014). As relações intergeracionais na família: Desafios e possibilidades. In T. Féres-Carneiro (Org), *Família e casal: Parentalidade e filiação em diferentes contextos*. (pp. 93-102). PUC- Rio.

Fidelis, D., Heinen, M., Pereira Mosmann, C., Falcke, D., & Rodrigo Schaefer, J. (2022). Relações entre conjugalidade, parentalidade e coparentalidade em famílias com crianças. *Cadernos de Psicologia*, 2(2), 1-16.

<https://www.cadernosdepsicologia.org.br/index.php/cadernos/article/view/120/75>

Fincham, F. D., Rogge, R., & Beach, S. R. H. (2018). Relationship satisfaction. In A. L. Vangelisti & D. Perlman (Eds.), *The Cambridge handbook of personal relationships* (pp. 422-436). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781316417867.033>

Huston, T. L. & Vangelisti, A. L. (1995). How parenthood affects marriage. In M. A. Fitzpatrick & A. L. Vangelisti (Orgs.), *Explaining family interactions* (pp. 147-176). Sage Publications. <https://doi.org/10.4135/9781483326368.n5>

Huss, B., & Pollmann-Schult, M. (2020). Relationship satisfaction across the transition to parenthood: The impact of conflict behavior. *Journal of Family Issues*, 41(3), 383-411. <https://doi.org/10.1177%2F0192513X19876084>

Jia, R., Kotila, L. E., Schoppe-Sullivan, S. J., & Kamp Dush, C. M. (2016). New parents' psychological adjustment and trajectories of early parental involvement. *Journal of Marriage and Family*, 78, 197-211. <https://doi.org/10.1111/jomf.12263>

Lapierre, L. M., Li, Y., Kwan, H. K., Greenhaus, J. H., DiRenzo, M. S., & Shao, P. (2018). A meta-analysis of the antecedents of work-family enrichment. *Journal of Organizational Behavior*, 39, 385-401. <https://doi.org/10.1002/job.2234>

Lasio, D., Putzu, D. & Serri, F. (2018). Transição para a parentalidade, trabalho familiar e saúde das mulheres. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 19(1), 94-100. <https://doi.org/10.15309/18psd190114>

Lévesque, S., Bisson, V. , Fernet, M., & Charton, L. (2019). A study of the transition to parenthood: New parents' perspectives on their sexual intimacy during the perinatal period. *Sexual and Relationship Therapy*, 36(2-3), 238-255. <https://doi.org/10.1080/14681994.2019.1675870>

Martins, C. A.; Abreu, W. J., & Figueiredo, M. C. (2017). Tornar-se pai ou mãe: O desenvolvimento do processo parental. *Fronteiras*, 6(4), 146-161. <http://doi.org/10.21664/2238-8869>

Menezes, C. C., & Lopes, R. C. S. (2007). Relação conjugal na transição para a parentalidade: Gestação até dezoito meses do bebê. *Psico-USF*, 12(1), 83-93. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712007000100010>

- Minayo, M. C. S. (2012). Análise qualitativa: Teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3), 621–626. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>
- Mosmann, C., & Falcke, D. (2011). Conflitos conjugais: Motivos e frequência. *Revista da SPAGESP*, 12(2), 5-16. <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v12n2/v12n2a02.pdf>.
- Neilson, J., & Stanfors, M. (2018). Time alone or together? Trends and trade-offs among dual-earner couples, 1990-2010. *Journal of Marriage and Family*, 80(1), 80–98. <https://doi.org/10.1111/jomf.12414>
- Pace, G. T., Shafer, K., Jensen, T. M., & Larson, J. H. (2015). Stepparenting issues and relationship quality: The role of clear communication. *Journal of Social Work*, 15(1), 24-44. <https://doi.org/10.1177/1468017313504508>
- Panzeri, M., Ferrucci, R., Cozza, A., & Fontanesi, L. (2020). Changes in sexuality and quality of couple relationship during the COVID-19 lockdown. *Frontiers in Psychology*, 11, 565823. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.565823>
- Papp, P. (1995) Prisioneiros do papel sexual. In M. Andolfi, C. Angelo & C. Saccu (Orgs.), *O casal em crise* (pp. 147-153). Summus Editorial.
- Pinto, P., Leal, R., Costa, I., & Tavares, A. R. (2022). A satisfação sexual do homem na transição para a parentalidade. *RIIIS: Revista de Investigação & Inovação em Saúde*, 5(1), 59-68. <https://doi.org/10.37914/riis.v5i1.168>
- Powell, G. N., Greenhaus, J. H.; Allen, T. D., & Johnson, R. E. (2018). Advancing and expanding work-life theory from multiple perspectives. *Academy of Management Review*, 44(1), 54–71. <https://doi.org/10.5465/amr.2018.0310>
- Pu, D. F., & Rodriguez, C. M. (2020). Bidirectional spillover in the family across the transition to parenthood. *Family Process*, 60(1), 235-250. <https://doi.org/10.1111/famp.12549>
- Salonginos, O. D., López-Escríche, M., & Knecht, C. (2018). Psicoterapia grupal: Un enfoque integrado para abordar la salud sexual y la relación de pareja tras el parto. *Informació Psicològica*, 115, 138-153. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6540546.pdf>.
- Silva, I., Schmidt, B, Lordello, S. R., Noal, D. S., Crepaldi, M. A., & Wagner, A. (2020). As relações familiares diante da COVID-19: Recursos, riscos e implicações para a prática da terapia de casal e família. *Pensando Famílias*, 24(1), 12-28. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100003

- Silva, M. M., Gavinhos, M. S. A., Neves, V. F. H. P., & Camarneiro, A. P. F. (2021). Fatores protetores e dificultadores da conjugalidade na transição para a parentalidade. *Pensar Enfermagem*, 25(2), 20-32. <https://doi.org/10.29352/mill0212.04.00275>
- Silva, C. H., Rocha, A. C., Okamoto, M. Y., & Duarte, C. (2022). A Intimidade do casal como fator de proteção para cuidados em saúde: Uma revisão sistemática. *Vínculo - Revista do NESME*, 19(2), 232-243. <https://doi.org/10.32467/issn.1982-1492v19n2a8>
- Urbano-Contreras, A.; Martínez-González, R.-A. & Iglesias-García, M.-T. (2018). Parenthood as a determining factor of satisfaction in couple relationships. *Journal of Child & Family Studies*, 27(5), 1492–1501. <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0990-3>
- Vescovi, G., Riter, H., Azevedo, E., Pedrotti, B., & Frizzo, G. (2021). Parenting, mental health, and Covid-19: A rapid systematic review. *Psicologia: Teoria e Prática*, 23(1), 01-28. <https://doi.org/10.5935/1980-6906/ePTPC1913554>

Endereço para correspondência

dwyer.isabela@gmail.com

Enviado em 02/01/2024

1ª revisão em 05/11/2024

Aceito em 26/01/2025